



## O Grindr como heterotopia: a homossociabilidade no espaço digital

Matheus de Souza Silva<sup>1</sup>

Alana Maria Passos Barreto<sup>2</sup>

**Resumo:** De que maneira as práticas de sociabilidade e as performances de sexualidade dos usuários no *Grindr* constituem e fazem funcionar o aplicativo como uma heterotopia, negociando as tensões entre a dissidência e a reprodução de normas hegemônicas? Para fins metodológicos, utilizou-se a etnografia virtual, coletando dados de perfis, *tags* do aplicativo. Justifica-se o estudo pela necessidade de compreender as transformações na subjetivação do corpo LGBTQIAPN+ em um ambiente digital, observando a tensão entre o caráter dissidente do espaço e a persistência de sistemas de poder hegemônicos.

**Palavras-Chave:** Aplicativo de relacionamento, *Grindr*, Heterotopia, Performances, Subversão.

### Grindr as heterotopia: homosociality in the digital space

**Abstract:** *How do the sociability practices and sexuality performances of Grindr users constitute and make the app function as a heterotopia, negotiating the*

1 Programa de Pós-Graduação em Direito – Universidade Federal do Paraná (UFPR) – E-mail: matheusdsouzas@hotmail.com.br – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2560081536018609> - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1504-8069>

2 Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal de Sergipe (UFS) – E-mail: alana-passosbarreto@gmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9736169289437141> - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1395-8475>

*tensions between dissent and the reproduction of hegemonic norms? For methodological purposes, virtual ethnography was used, collecting data from profiles and app tags. The study is justified by the need to understand the transformations in the subjectivation of the LGBTQIAPN+ body in a digital environment, observing the tension between the dissident character of the space and the persistence of hegemonic power systems.*

**Keywords:** *Dating app, Grindr, Heterotopia, Performances, Subversion.*

### **Grindr como heterotopia: homosocialidad en el espacio digital**

**Resumen:** ¿De qué manera las prácticas de sociabilidad y las performances de sexualidad de los usuarios de Grindr constituyen y hacen funcionar la aplicación como una heterotopia, negociando las tensiones entre la disidencia y la reproducción de las normas hegemónicas? A efectos metodológicos, se utilizó la etnografía virtual, recopilando datos de perfiles y etiquetas de la aplicación. El estudio se justifica por la necesidad de comprender las transformaciones en la subjetivación del cuerpo LGBTQIAPN+ en un entorno digital, observando la tensión entre el carácter disidente del espacio y la persistencia de los sistemas de poder hegemónicos.

**Palabras-clave:** Aplicación de citas; Grindr; Heterotopia; Performances; Subversión

### **Introdução**

A pesquisa tem por objeto o *Grindr*, aplicativo de relacionamento e encontros para sexo, destinado a pessoas LGBTQIAPN+<sup>3</sup>, mas que, na prática, tem sido majoritariamente usado por gays, bissexuais, trans e *queer*. Busca-se aproximar essa rede social da chave teórica foucaultiana da heterotopia (Foucault, 2013), pouco explorada no seu pensamento, especialmente por ser uma reflexão não completada pelo filósofo francês. A heterotopia seria caracterizada por ser um contra espaço, na medida em que surge em contradição aos outros espaços regidos por estruturas hegemônicas. Trata-se de um lugar real, ao contrário da utopia, mas que funciona sob certas particularidades.

A partir de tais compreensões, parte-se para o seguinte problema: de que maneira as práticas de sociabilidade e as performances de sexualidade dos usuários

---

3 Embora o *Grindr* permita que mulheres se cadastrem e definam seu gênero como “mulher” ou “mulher trans”, a maioria dos usuários são homens.

no *Grindr* constituem e fazem funcionar o aplicativo como uma heterotopia, negociando as tensões entre a dissidência e a reprodução de normas hegemônicas? Tal questão direciona a busca por extrair, desta rede social, o exercício das performances dissidentes em um ambiente destinado a esses corpos precarizados. Isso possibilita refletir sobre os efeitos das estruturas de poder hegemônicas no campo do gênero e da sexualidade, observando como os sujeitos negociam resistências específicas tanto frente à cisnormatividade – que impõe a congruência entre gênero e sexo biológico – quanto à heteronormatividade, que estabelece a heterossexualidade como único modelo legítimo de desejo.

A separação dessas tecnologias de poder permite apreender como o *Grindr* se torna um espaço de tensão onde corpos dissidentes de ambos os regimes articulam suas existências. A hipótese tratada é de que o *Grindr* se constitui como uma heterotopia na medida em que sua arquitetura digital e as práticas dos usuários geram um espaço-tempo ambivalente: se por um lado, ele possibilita a performance de sexualidades e corpos dissidentes fora do olhar da sociedade cis-heteronormativa; por outro, ele internaliza e reproduz lógicas de poder, como a masculinidade hegemônica, através de mecanismos de seleção e exclusão.

Além disso, o aplicativo funciona como um local que permite a justaposição e a coexistência de expressões diversas de sexualidades, corpos e identidades, mas, ao mesmo tempo, reproduz e negocia matrizes normativas que operam tanto pela heteronormatividade – a imposição do modelo heterossexual como padrão social – quanto pela homonormatividade, que privilegia subjetividades LGBTQIAPN+ que se alinham a padrões de consumo e comportamento convencionais. Assim, o *Grindr* atua como um dispositivo de regulação que, ao mesmo tempo que abriga a dissidência, fomenta processos de exclusão e distinção entre perfis com base em padrões normativos de gênero e raça.

A pesquisa explora como o *Grindr* cria um “contra espaço” que é simultaneamente real (conecta corpos em locais físicos) e virtual, existindo em paralelo com os espaços hegemônicos da cidade, mas com regras e lógicas próprias. A importância está em mostrar como, mesmo em um espaço criado para dissidentes, as matrizes normativas – expressas por meio da masculinidade hegemônica violenta, do racismo, da gordofobia, do etarismo e da transfobia – são reproduzidas, negociadas e, por vezes, reforçadas, demonstrando uma adaptabilidade das estruturas de poder.

Assim, destaca-se a tensão entre o caráter dissidente do espaço digital e a persistência de matrizes normativas no campo da sexualidade, manifestas pela reprodução de uma masculinidade hegemônica violenta e pela negação do afeto na sociabilidade de sujeitos que desafiam a cisnormatividade e a

heteronormatividade. Essa dinâmica evidencia como o aplicativo, embora heterotópico, não está imune às lógicas de dominação que estruturam o espaço físico. Sendo um exemplo de abordagem teórico-metodológica inovadora, essa perspectiva ajuda a entender como as relações têm se constituído em espaços digitais perante estruturas hegemônicas que sempre existiram na sociedade e que produzem a estigmatização das pessoas LGBTQIAPN+.

## 1. Desenho metodológico

O delinear metodológico se guia pela busca em captar a prática de sociabilidade de identidades e performances dissidentes do padrão cis e heterossexual no espaço digital do *Grindr*. Para isso, realizou-se uma etnografia virtual por meio de filtragem, contextualização e aprofundamento, adotando o comportamento de *lurker*, ou seja, de um observador passivo. Assim, a etnografia virtual analisa as práticas comunicacionais em plataformas sociais para mapear perfis de consumo e entender os fenômenos comunicacionais. Dessa forma, a pesquisa considera como as representações humanas e as práticas comunicacionais se manifestam nesses ambientes (Hine, 2005; Amaral; Natal e Viana, 2008).

Em certo momento da pesquisa, cogitou-se adotar a pesquisa por meio de uma observação participante. Ocorre que, tendo em vista se tratar de uma rede social e, por conseguinte, concentrada na personalidade, haveria uma certa multiplicação de variáveis. No *Grindr*, a questão de ter uma foto no perfil ou não, apresentar uma certa faixa etária ou a localidade em que se está, por exemplo, são elementos determinantes para a usabilidade. Neste caso, haveria uma inclinação à produção de uma autoetnografia, o que não é buscado por esta pesquisa, já que ampliaria as suas limitações, chegando a um resultado que poderia não ser aplicável de forma mais ampla.

Levando isso em consideração, a justificativa da escolha do *Grindr* enquanto plataforma se dá por algumas especificidades, na medida em que poderiam ser utilizados outros aplicativos com a mesma funcionalidade, ou seja, de encontros ou relacionamentos, como o *Tinder* ou o *Hornet* – sendo este último destinado ao mesmo público. Um primeiro fator para o destaque do aplicativo escolhido é a popularidade, que fez com que o *Grindr* tivesse, em 2024, mais de 14 milhões de usuários ativos (Bloomerang Línea, 2025), se autointitulando como “a rede social líder para pessoas gays, bissexuais, transgêneros e queer” (*Grindr*, 2025, tradução nossa).

Somada com a popularidade do *Grindr*, é possível perceber que se desenvolveu na plataforma uma homosociabilidade particular, até mesmo em torno de

mecanismos linguísticos que torna interessante abordar como o dispositivo da sexualidade atua nesse espaço, como o uso de *emojis*, que será melhor desenvolvido posteriormente.

Partindo de tais pressupostos, a análise se concentra exclusivamente em observar as dinâmicas de perfis que podem ser utilizadas e o próprio público. Para a análise do conteúdo visual dos perfis, realizou-se uma seleção cuidadosa considerando as tags do aplicativo, sendo analisados cerca de 99 perfis. Assim, elaborou-se uma lista de categorias e variáveis – o chamado *codebook*, ou quadro de variáveis – a fim de realizar a análise através da abordagem foucaultiana sobre heterotopia para interpretar as performatividades observadas como processos dinâmicos e situados, possibilitando a análise para além da descrição dos perfis.

## 2. Sistemas de poder hegemônico e sociabilidade: a heterotopia em uma análise sociológica

O suporte ao pensamento foucaultiano constitui-se como um desafio epistemológico para toda pesquisa desenvolvida dentro do campo das ciências humanas e sociais, que utiliza seus estudos. Para além de ser uma das teorias mais discutidas e complexas, outra razão consiste em perceber que o filósofo francês põe as suas reflexões em um constante movimento. Facilmente desapegado do passado, era comum que em seus trabalhos houvesse uma crítica à postura anteriormente defendida, negando o que anteriormente foi dito, ou uma perspectiva diversa para um mesmo objeto de estudo (Machado, 2017).

Observar essa questão é fundamental para vislumbrar a existência de discontinuidades internas (Branco, 2001) nas suas obras ou, até mesmo, de reflexões que acabam não estando tão completas. Michel Foucault entendia que a importância das suas reflexões não residia em se constituírem como ideias que fossem rígidas. Em razão disso, a relevância estaria em como as suas ideias poderiam servir enquanto motor para outros estudiosos utilizarem o que fora posto ali e, a partir daquilo, pudessem contribuir para avançar mais no conhecimento filosófico (Machado, 2017).

A análise em desenvolvimento operacionaliza a construção teórica foucaultiana de utopias e heterotopias, presente dispersamente nas reflexões do pensador francês. A primeira vez que essas terminologias são desenvolvidas pelo autor é no prefácio da obra *As Palavras e as Coisas*, originalmente publicada como *Le Mots et les Choses*, em 1966. Assim, Foucault (2000) desenvolve que:

As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a ‘sintaxe’, e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza ‘manter juntos’ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas (Foucault, 2000: 9).

Essa construção teórica aparece somente em um parágrafo na parte introdutória da obra mencionada. Foucault (2000) trabalha com utopias e heterotopias quando passa a refletir sobre a noção de lugar e principalmente do que seria um lugar-comum. Esse lugar real estaria inserido entre os dois extremos: a utopia, que representa um lugar irreal, ou seja, que não existe e resulta de um imaginário, e a heterotopia, como o lugar que existe dentro da sociedade, mas que serve justamente para destituir e questionar o espaço comum e, por isso, é externa ao funcionamento dela.

Foucault (2000) põe a utopia, então, como aquele lugar que apresenta uma perfeição inalcançável e por isso permitiria até mesmo que fossem conjecturadas fábulas e que, na linguagem, seria justamente uma dimensão fundamental no discurso. As heterotopias são, ao contrário, sempre o espaço de contestação e, por isso, desfazem o mito posto. No campo da linguagem, seu caráter disruptivo permite contestar as palavras em si mesmas, da sua própria formação.

Após *As Palavras e as Coisas*, o autor retoma a questão das utopias/heterotopias em duas conferências realizadas em 1966, sob o título de *O corpo utópico* e *As heterotopias*, que apresentam um teor distante de outras reflexões mais densamente teóricas do filósofo, posto que possuem um certo tom poético. Na primeira conferência, Foucault (2013) busca separar a noção do corpo da utopia, o situando no lugar-comum, ou seja, no que se vê como o espaço real, mas ainda produtor da utopia:

Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que nunca está sob outro céu, é o lugar absoluto, o pequeno fragmento de espaço com o qual, em sentido estrito, eu me corporizo. [...] Meu corpo, de fato, está sempre em outro lugar. Está ligado a todos os outros lugares do mundo, e, para dizer a verdade, está num outro lugar que é o além do mundo. É em referência ao corpo que as coisas estão dispostas, é em relação ao corpo que existe uma esquerda e uma direita, um atrás e um na frente, e um distante. O corpo está no centro do

mundo, ali onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo não está em nenhuma parte: o coração do mundo é esse pequeno núcleo utópico a partir do qual sonho, falo, me expresso, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. O meu corpo é como a Cidade de Deus, não tem lugar, mas é de lá que se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos (Foucault, 2013: 7,14).

Se distanciando desse tom, na segunda conferência, Foucault (2013) passa a desenvolver o que se entende por heterotopias. Esses “espaços absolutamente outros” (2013: 21) estariam presentes em todas as sociedades, seriam, por exemplo, jardins, cemitérios ou asilos. As primeiras que surgiram seriam aquelas heterotopias de crise, utilizadas para as pessoas poderem enfrentar certos momentos com tempo determinado, como sociedades primitivas que destinavam espaços destinados às mulheres em período menstrual.

Com a modernidade, passaram a existir as heterotopias de desvio composta por “[...] indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou norma” (Foucault, 2013: 22). Aqui, trata-se da preocupação de Foucault (2013) explorada mais densamente em outras obras, como os criminosos em prisões, enquanto pessoas desviantes da sociedade, ou aqueles postos como “loucos” em hospitais psiquiátricos, em razão de possuírem outra condição de saúde mental da hegemônica.

Nesta conferência, a defesa de Foucault (2013) é pela existência de heteropológia como uma ciência que estaria surgindo e destinada a estudar esses contra espaços, de modo a vislumbrar como o poder é exercido ali. Em razão disso, apresenta o que seriam os seus seis princípios: (i) existem lugares heterotópicos em todas as culturas; (ii) apesar disso, se diferenciam em cada uma e também em relação ao tempo; (iii) podem comportar internamente espaços que seriam incompatíveis na realidade; (iv) pode conectar temporalidades distintas; (v) separados da sociedade, apresentam regras para ingresso e saída; e (vi) têm uma finalidade perante o seu espaço externo.

Estabelecidos tais princípios que caracterizam as heterotopias, resta evidente que a preocupação final de Foucault (2013) diz respeito ao fato de as heterotopias se mostrarem enquanto locais de resistência (Silva, 2025) por estarem à margem e subverterem a ideia posta de normalidade que existe no lugar-comum.

Posteriormente, o filósofo retoma as suas reflexões de utopia/heterotopias em suas aulas dadas em curso na Universidade de Vincennes ou Universidade Paris 8, em 1969. Cabe destacar que se trata de textos publicados recentemente no Brasil, com o título de *Sobre a sexualidade*, em que houve a reunião de

manuscritos utilizados enquanto lecionava esse curso (Foucault, 2021), contribuindo para tornar ainda mais complexas as reflexões realizadas por Foucault em razão do conceito abordado.

Fato é que, nesse momento, a abordagem de utopia/heterotopia é centrada na questão da sexualidade, iniciando reflexões que, apesar de ainda distantes da coleção clássica do autor, são mais desenvolvidas na segunda metade da década de 1970. De modo a apresentar o conceito inicial de utopia e heterotopia, Foucault (2021) retoma que, enquanto a primeira seria aquele lugar sem lugares, a segunda seria relacionadas a regiões externas à sociedade, mas ainda presente nelas, o que implica na existência de condutas específicas dentro dele.

Para justificar o porquê a questão da sexualidade é relevante de ser abordada a partir desses lugares, Foucault (2021: 237) desenvolve que “o comportamento sexual é, sem dúvida, um dos mais sensíveis às mudanças de lugar (e de tempo), um dos mais ligados às condições espaço-temporais em que se efetua”.

Observando as heterotopias caracterizadas pela sexualidade, Foucault (2021) aposta em extremos: apresenta o convento, como um lugar heterotópico em que se busca promover a supressão de qualquer comportamento sexual, e, por outro lado, um bordel, em que há a valorização de todo comportamento sexual. Ambas, no entanto, apresentam um ponto em comum, que as caracteriza como uma heterotopia, que é buscarem um “modelo de funcionamento social perfeito” (2021: 241), apesar de serem opostos.

A questão central das heterotopias, sendo desenvolvida de forma mais profunda posteriormente na obra foucaultiana, mas que já fora citada, diz respeito ao fato de ser um espaço de contestação. Trata-se de um traço característico das heterotopias o fato de serem “a contestação de todos os outros espaços” (Foucault, 2013: 28). Estranho espaço onde o anonimato pode deslocar uma identidade sem que seja necessário assumi-la para nela adentrar – ou, precisamente, um espaço onde se assumem identidades diferentes daquelas que são assumidas em outros espaços. Neste caso, tanto o convento como o bordel, por exemplo, produzem uma crítica ao lugar-comum e real, em que não se exerce uma sexualidade normal — aqui tratada no sentido de “uma sexualidade feliz para os indivíduos e adaptada às exigências e ao funcionamento da sociedade” (Foucault, 2021: 241).

Ao contestar essa sexualidade normal, “arbitrariamente fixada pela sociedade (suas regras, seus preconceitos, suas leis religiosas e morais)” (Foucault, 2021: 242), as heterotopias, nesta obra, por vezes denominada como utopias heterotópicas, fazem surgir uma estrutura de sociedade que modifica as relações objetivando a formação de uma sexualidade contra-hegemônica. A visão

de poder e subjetividade na sexualidade é o que contribui para evidenciar que “estava nascendo a genealogia com a qual Foucault procurou explicar o aparecimento dos saberes sobre o homem como elementos de um dispositivo de natureza política, como peças de relações de poder” (Machado, 2017: 37-38).

Se distanciando da monogamia, da reprodução e da heterossexualidade, é como se surgisse uma sexualidade desconectada daquilo que existe no espaço real. Compreendendo, então, que os espaços heterotópicos podem surgir também como um lugar de contestação da sexualidade “normal”, surge a importância de investigar, partindo dessa abordagem teórica, como os corpos que expressam uma sexualidade dissidente têm se sociabilizado em um cenário que não era possível ser previsto pelo filósofo francês: as plataformas digitais.

Neste cenário, o *Grindr* surge, de mesmo modo, enquanto um âmbito marginalizado e restrito às pessoas LGBTQIAPN+, principalmente para “driblar normas sociais que ainda dificultam ou até mesmo punem relações com pessoas do mesmo sexo” (Miskolci, 2017). Há, contudo, especificidades que são oriundas da natureza do espaço digital que moldam o processo de subjetivação nas plataformas, ainda que não desligada da atuação da cisheteronormatividade enquanto estrutura de poder, visto que atua “através da defesa e apoio às presunções e instituições dominantes baseadas no conjunto de normas sociais ditadas pela vivência cis-heterossexual” (Gomes e Menezes, 2024).

### 3. A heterotopia no *Grindr*

A internet transformou as interações sociais e sexuais. Enquanto ampliou as possibilidades de relações heterossexuais, ela se tornou um espaço crucial para pessoas do mesmo gênero, oferecendo um novo ambiente para socialização. Isso é particularmente significativo no contexto da “epistemologia do segredo sexual” (Miskolci, 2017), visto que, em razão da internet, a plataforma permite o contato não físico, a prática homoafetiva de forma anônima torna-se mais fácil. Em razão da performance dissidente estar restrita a espaços escondidos, a comunidade LGBTQIAPN+ passou a estar presente nas margens, inclusive fisicamente. Quando se observa o contexto dos Estados Unidos, bairros foram formados a partir da segregação de pessoas negras e latinas, enquanto no Brasil, a sociabilidade da comunidade se concentrou em espaços noturnos urbanos (Miskolci, 2017).

Com o avanço das tecnologias da informação, Miskolci (2009) argumenta que foi possível expandir o espaço para a sociabilidade homossexual, ocorrendo isso tanto nas metrópoles quanto no interior do país. Muitas pessoas que, por

razões geográficas, econômicas ou de preconceito, sentiam-se “fora do meio”, identificaram na internet novas possibilidades de sociabilidade e pertencimento. Essa sensação de deslocamento revela um paradoxo: a ideia de “meio gay” muitas vezes reproduz modos normativos e urbanocêntricos que acabam por marginalizar sujeitos que não se alinham a esses padrões.

Ao tensionar a noção de corpos desviantes (Butler, 2019), percebe-se que o *Grindr* atua como uma ferramenta que ressignifica o desvio, uma vez que ele não apenas acolhe quem está fora do “meio” tradicional, mas permite a constituição de novos espaços de reconhecimento que desafiam a dicotomia entre o centro e a margem, articulando o pertencimento através de uma opacidade estratégica e da conexão digital. A própria ideia de “meio gay” é vista como a representação de um não-lugar (Miskolci, 2017), assemelhando-se à ideia de heterotopia foucaultiana.

Diante disso, as empresas viram a oportunidade de desenvolver ferramentas com essa finalidade. Esse novo momento de sociabilidade pode ser demarcado temporalmente com o lançamento do *Grindr*. Tendo como público alvo toda a população LGBTQIAPN+, porém dominado por homens gays, a lógica desse aplicativo móvel se dá pela utilização da funcionalidade de geolocalização.

A procura de parceiros ocorre por aqueles que estão mais perto e, a partir disso, torna-se possível a interação, que se dá por mensagem e fotos. Desde então, a popularidade desses aplicativos explodiu. Em um contexto em que as relações pessoais se tornaram mais frágeis, pela ascensão neoliberal, aplicativos como o *Grindr* se tornaram facilitadores do que seria um *hook up*, terminologia em inglês utilizada para caracterizar aqueles encontros sexuais casuais, marcados pela efemeridade e rapidez (Miskolci, 2014) – sendo demarcado dentro do aplicativo pela utilização de termos como “afim agora” “agora”, por exemplo.

Podemos pensar nessas realidades e nas relações ali estabelecidas como uma “metáfora de visibilidade” (Scott, 1998). A visibilidade começa com a própria existência do aplicativo: ele está disponível publicamente para download, de modo gratuito, ainda que com assinaturas pagas, bem como sem restrições<sup>4</sup> nas lojas de aplicativos. Embora o espaço digital possa não ser frequentado por todos, sua utilidade é publicamente conhecida. Isso o torna um fato presente na sociabilidade dos afetos digitais, dos corpos e dos desejos das margens.

A internet revela sua dupla face para a comunidade LGBTQIAPN+. Embora tenha se tornado um refúgio essencial para pessoas que buscam conexão e apoio,

---

4 Além da classificação de uso para maiores de 18 anos, devido ao conteúdo sexual, nudez e linguagem imprópria, e por permitir interação de usuários, compartilhamento de localização e compras no aplicativo.

ajudando a superar o isolamento e a solidão, ela também perpetua a visão heteronormativa do espaço público, já que reforça que a sociabilidade dissidente é tolerável desde que restrita ao espaço privado (Miskolci, 2017). Ao mesmo tempo que oferece uma passagem quase obrigatória para a autodescoberta e a criação de redes de apoio, ela herda a mesma suspeita moral que cercava os antigos guetos urbanos, tornando-se um “meio” frequentemente visto com preconceito.

Miskolci (2009) pontua que as conexões estabelecidas com o meio *online* e a sensação de uma impossibilidade de desconexão levaram os usuários a se libertarem de grande parte das restrições outrora encontradas no armário. Nesse sentido, o *Grindr* funciona como um “sistema de significação” e um agenciador semiótico de enlaces entre sujeitos que praticam masculinidades homoeróticas.

Nessa dinâmica, são utilizados diversos recursos para a modulação de corpos (Cardoso, 2019) e manipulação de fotografias, incluindo filtros, ângulos e luz. Paralelamente, cuidados específicos com o corpo são adotados através de exercícios, procedimentos estéticos, alimentação e uso de suplementos ou medicamentos. Esses esforços são moldados por marcadores sociais de diferença dos usuários, como raça, classe, juventude e masculinidades, que constituem hierarquias e resgatam valores sociais históricos que cercam a homossexualidade.

Cabe destacar que, no seu lançamento, o *Grindr* teve homens gays cis como destinatários, mas, nos últimos anos, o aplicativo passou a incluir outras categorias de gênero e orientações sexuais (bi, trans, *queer*, não binários e não conformes). A versão atual permite que o usuário especifique informações como idade, peso, altura, gênero, papel sexual, etnia e *status* de HIV.

Além de enviar mensagens e fotos para outros usuários, o usuário também pode enviar um *toque* para outro usuário. O *toque* representado pela figura de uma chama tem três opções: o ícone “oi”, para cumprimentar outro usuário; uma chama laranja, usada para mostrar interesse; e um rosto roxo diabólico, usado quando se busca sexo no momento. Uma vez online, o *Grindr* mostra uma grade com fotos de perfis com cerca de 99 usuários mais próximos que estão online e a que distância estão. Tocar em uma foto permite que o usuário leia informações de um perfil específico, além de dar a opção de chat, enviar outras fotos ou enviar um toque – o usuário que teve o perfil acessado também visualiza essa visita.

Essa experiência, entretanto, pode se diferenciar das versões pagas do *Grindr*, que possuem ferramentas que aperfeiçoam a usabilidade da plataforma. São duas modalidades de assinatura premium: o *Grindr XTRA*, que zera anúncios, possibilita visualizar até 500 perfis, libera a confirmação de leitura, entre outros; e o *Grindr Unlimited*, que permite perfis ilimitados, verificar quem visualizou o perfil, envio de fotos que expiram ilimitadas, entre outros (Grindr, 2025). Ainda

que seja possível inserir o fator econômico como um marcador que pode distinguir a usabilidade do *Grindr*, o que se pretende analisar são as negociações exercidas pelos sujeitos com masculinidade homoerótica que tornam esse espaço uma heterotopia por subverter a lógica vivenciada na realidade.

A inter-relação entre o espaço e a sexualidade é fundamental para analisar as experiências de sexualidades não heterossexuais, como apontado por Bell e Valentine (1995). Assim, esses espaços – aplicativos como o *Grindr* – são construídos por uma linguagem específica que subverte categorias heteronormativas de identidade sexual. Nesse contexto, surgem duas possibilidades. A primeira é que esses aplicativos ampliam o sistema binário de gênero ao incluir categorias como “*queer*” e “não binário”, possibilitando que o usuário descreva sua identidade usando suas próprias palavras. A segunda é que, por meio da ressignificação da linguagem, o usuário homossexual desses aplicativos utiliza um código compartilhado com outros membros daquela comunidade, que se torna opaco para quem está de fora. Assim, a linguagem desses aplicativos está relacionada com o conceito de opacidade, conforme proposto por Édouard Glissant (2005). Para o autor, a opacidade não é uma falha na comunicação, mas um direito de preservação da diferença que não se deixa reduzir a categorias universais ou transparentes. No contexto do *Grindr*, essa opacidade manifesta-se no uso de códigos e linguagens cifradas que permitem aos sujeitos negociarem suas existências fora do alcance imediato das vigilâncias normativas.

De acordo com Padilha (2015), o *Grindr* apresenta uma centralidade na valorização das fotografias em perfis. Os textos nas descrições também evidenciam como a plataforma opera negociações sobre diversas diferenças, incluindo classe, renda e profissão. Contudo, essas interações são profundamente atravessadas por estéticas normativas e regimes de corporeidade que privilegiam padrões de beleza hegemônicos. Tais normas de aparência corporal não apenas distinguem os usuários, mas produzem desigualdades ativas, ao passo que desvalorizam corpos que fogem à norma geracional, étnico-racial, de gênero ou estética, consolidando processos de exclusão e fetichização no espaço digital. Padilha (2015: 100) sinaliza que os usuários manifestavam desejos por corpos idealizados, evocando o suposto “homem de verdade”, reproduzindo uma heteronormatividade presente no espaço fora. Nesse sentido, também apareciam, como fruto da epistemologia do segredo sexual, desejos pela discrição/sigilo como fatores que se reproduziam discursivamente.

No *Grindr*, as categorias de identificação e busca são definidas tanto pelas funcionalidades de filtragem quanto pelas *tribos* – subcategorias como “urso”, “twink” ou “daddy” que agrupam usuários em torno de preferências corporais

e estereótipos específicas. Contudo, a sociabilidade na plataforma é complexificada por critérios de filtragem biométrica, como idade, peso, altura e etnia. A grade inicial mostra perfis próximos e aqueles que usam o “boost”<sup>5</sup>, e pode ser filtrada por “tags” e “filtros”, além de outras opções.

Essas ferramentas permitem que o usuário refine sua busca com base em padrões normativos, transformando características físicas em variáveis de inclusão ou exclusão. Embora o conceito de “tribos” seja central na literatura por lidar com marcadores culturais típicos do meio gay, é a articulação entre essas identidades e os filtros de precisão que permitem observar como os regimes de corporeidade operam a fragmentação do espaço heterotópico. Por sua vez, os *filtros* ajudam a refinar a busca por usuários com base em critérios, como idade, tipo de corpo, posição, entre outros. Já as *tags* funcionam como palavras-chave que descrevem aspectos específicos do perfil do usuário, como “musculoso” ou “nerd”.

**Tabela 1 – Categorias de tags no Grindr**

CATEGORIAS	DESCRIÇÕES
Meus fetiches	sigilo; masturbação; sem camiseta; bondage; bundudo; no carro; castidade; sem roupa íntima; preservativos; só com camiseta; caçando; circuncidado; sujo; discreto; não assumido; dominador; fastfoda; edging; pés; fisting; flexível; furrries; amizade colorida; equipamento de fetiche; gloryhole; grupal; mãos; com local; dotado; fetiche; beijos; látex; couro; limites; lingerie; agora; masc; monogâmico; mamilos; casual; meia calça; oral; piercings; axila; poli; em público; pup; pupplay; rapidinha; encenação; bruto; borracha; macho; sexo mais seguro; exibicionista; meias; palmadas; cuspada; submisso; tentáculos; grosso; briquedos; não circuncidado; roupa íntima; papai mamãe; videochamada; sem local; voyeur; mijo
Meus passatempos	anime; arte; praia; brunch; shows; cozinhar; dançar; DIY; moda; jogos; trilhas; karaokê; filmes; música; sonecas; música pop; ler; RPDR; tatuagens; tênis; teatro; TV; musculação; exercícios; escrever; yoga
Minha personalidade	gosta de gatos; aventureiro(a); de boas; confiante; curioso(a); gosta de cães; direto(a); divertido(a); brincalhão(hona); gentil; fiel; maduro(a); extrovertido(a); pai/mãe; confiável; romântico(a); tímido(a); unicórnio
Minhas outras tags	urso; barbudo; bi; gordinho; depilado; universitário; casal; ursinho; carinhoso; daddy; encontros; drag; sem drogas; delicado; amigos; FTM; gaymer; nerd; peludo; atlético; lésbica; relacionamento; militar; MTF; músculo; proibido fumar; lontra; troco fotos; soropositivo; afeminado; liso(a); sóbrio; apenas trans; trans; novinho; twink

Fonte: elaboração própria.

5 Funcionalidade paga que aumenta a visibilidade do seu perfil na grade inicial por um tempo limitado.

Para além das funcionalidades nativas, a comunicação no *Grindr* emerge de uma dialética entre a arquitetura da plataforma e a agência de seus usuários. Embora o aplicativo forneça a estrutura técnica e os recursos visuais – como o catálogo de *emojis* e os campos de preenchimento – são os usuários que, na interação cotidiana, ressignificam esses elementos, criando códigos específicos que ratificam o aplicativo como um espaço heterotópico. Assim, as formas de expressão no *Grindr* não são meras criações espontâneas, mas o resultado de como os sujeitos respondem às incitações tecnológicas, recriando usos e sentidos que desafiam ou reforçam as normas vigentes.

Os *emojis*, por exemplo – pequenas imagens que representam ideias e são comuns aos sistemas operacionais –, têm seu sentido original deslocado no *Grindr*. Essa ressignificação permite que os usuários contestem a linguagem hegemônica (Foucault, 2000) por meio de uma codificação particular e restrita. Entretanto, é fundamental reconhecer a simultaneidade de sentidos nessas práticas: embora o uso de tais figuras represente uma subversão simbólica, essa comunicação ocorre dentro de estruturas de poder que frequentemente adaptam e negociam normas vigentes sem promover rupturas sistêmicas. Assim, o *emoji* atua como uma ferramenta dialética que tanto facilita a dissidência quanto pode ser instrumentalizado para reafirmar padrões de desejo e consumo já estabelecidos.

**Tabela 2 – Outras categorizações do *Grindr***

CATEGORIAS	DESCRIÇÕES
Preferências sexuais	(passivo);  (ativo);  (ativo, passivo, versátil);  (fetiche “pig”);  (BDSM);  (fisting).
Características pessoais	(ursos);  (casal);
Uso de drogas	(maconha);  (cocaína);  (drogas sintéticas).
Outras questões	(garoto de programa);  (“carimbo”);  (com local);  (turista);  (com transporte);  (negativa a algo);



Fonte: elaboração própria.

A análise da amostragem de perfis (Tabela 3) revela como a arquitetura do aplicativo e a agência dos usuários coproduzem subjetividades marcadas pela tensão entre visibilidade e ocultamento. Observa-se que a ausência de nomes reais e o uso de codinomes como “H sigilo”, “Disc sozinho” ou apenas *emojis* representam o que Miskolci (2017) define como a epistemologia do segredo sexual. Esses sujeitos utilizam a opacidade como tecnologia de proteção, mantendo

uma performance de masculinidade hegemônica que exige o anonimato para que a dissidência sexual não comprometa seu status no “lugar-comum” cisheteronormativo.

Além disso, a fragmentação do corpo nas imagens – perfis que exibem apenas o tronco, abdômen ou genitais, omitindo o rosto – demonstra um regime de corporeidade que prioriza o corpo-objeto em detrimento do sujeito integral. Essa “estética da parte pelo todo” ratifica o *Grindr* como uma heterotopia onde o corpo é simultaneamente real e desterritorializado, funcionando sob uma lógica de consumo rápido e efemeridade típica das relações neoliberais.

**Tabela 3** – Amostra de perfis analisados

Usuário	Descrição	Idade	Foto
Gee	Conhecer	35	com foto e seminudez
sem nome	sem descrição	21	com foto de nudez do corpo
sem nome	Algum cara com 35 ou mais afim de uma nova experiência	39	com foto do corpo
Disc sozinho	sem descrição	25	sem foto
Barrigão	Nada sério Sem drogas Não façam perguntas óbvias: o que curte ta a fim de q procurando o q	41	sem
	Seja higiênico	28	sem foto
••	Discreto	sem idade	sem foto
Ben	É simples, você manda a foto da cara, se eu gostar eu respondo, caso contrário não. Se não mostrar a cara não espere ser respondido.	sem idade	com foto que mostra apenas o corpo
Afim agora		33	fotos de paisagem
Tzao kralho	sem descrição	sem idade	sem foto

Usuário	Descrição	Idade	Foto
ATV	sem descrição	25	com foto que mostra apenas o corpo
sem nome	sem descrição	sem idade	sem foto
sem nome	uma pessoa de boa com a vida	sem idade	sem
😏	sem descrição	26	sem foto
brotheragem	sem descrição	31	sem foto
Bora desenrolar	sem descrição	35	sem foto
Brotheragem	sem descrição	sem idade	sem foto
Qro mamar	sem descrição	25	com foto do corpo sem rosto
Atv a fim	Não mande tap, mande oi. Seja direto, se curtir desenrole e não curte só avise e vida q segue. Não me faça perder tempo	sem idade	sem foto
sem nome	sem descrição	33	com foto de rosto e corpo
🔥	sem descrição	30	com foto de rosto que mostra apenas a barba
H sigilo	sem descrição	sem idade	sem foto

Fonte: Elaboração própria.

Com base nos dados apresentados, observa-se que a inserção dos sujeitos no ambiente simbólico do aplicativo não é passiva; ela ocorre por meio de uma dialética entre as incitações da interface e as táticas de apropriação dos usuários. Uma das apropriações mais proeminentes é a gestão estratégica da visibilidade, manifesta na busca por “discrição”. O uso da *tag* “discreto” e a ausência de fotografias de rosto não são apenas escolhas individuais, mas indicativos da epistemologia do segredo (Miskolci, 2017). Essas práticas revelam como o *Grindr* opera como uma heterotopia de compensação, na qual o anonimato permite que o sujeito negocie sua dissidência sexual sem renunciar aos privilégios conferidos pela cisnormatividade no espaço público hegemônico.

Entre perfis com “sigilo” ou com emojis para indicar fetiches, é possível diagnosticar como o aplicativo sobrepõe vários espaços em um só (Foucault, 2022). Além disso, a análise de perfis mostra uma grande variedade na forma como os usuários se apresentam. Alguns utilizam fotos de rosto e corpo, enquanto outros optam por fotos de seminudez, somente do corpo, ou simplesmente não usam foto alguma.

“Sigilo”, “sigiloso” e “discreto” formam um agrupamento que permite o anonimato e protege as identidades que seguem as regras sociais, pelo menos nesse contexto (Saraiva; Santos e Pereira, 2020). Por isso, “o sigilo é uma forma de garantir a experiência de homens homossexuais que rejeitam as definições comuns da homossexualidade e querem viver uma masculinidade semelhante à de um heterossexual” (Costa, 2020: 152). Assim, o sigilo funciona como uma tecnologia de fronteira que garante a experiência de homens que, ao rejeitarem as definições estigmatizadas da homossexualidade, buscam performar uma masculinidade próxima à norma heterossexual.

Analiticamente, essas práticas de anonimato e codificação por *emojis* configuram o *Grindr* como uma heterotopia ao permitirem a coexistência de espaços incompatíveis, uma vez que o sujeito habita simultaneamente o espaço físico “comum” (onde performa a cisheteronormatividade) e o espaço digital “outro” (onde exerce desejos dissidentes). Essa fragmentação rompe com a sintaxe do lugar-comum, pois a linguagem cifrada dos *emojis* solapa a transparência da comunicação hegemônica, criando um sistema de significação que só faz sentido dentro desse “contra espaço”, cumprindo assim o princípio foucaultiano de um local que contesta, inverte ou neutraliza todos os outros espaços da sociedade.

Na medida em que a prioridade é manter a identidade pessoal anonimizada, a codificação particular do aplicativo feita por *emojis* contribui para que, ao invés de nomes ou descrições, sejam colocadas representações de preferência na posição sexual ou outras informações.

Por sua vez, as descrições dos perfis também variam, indo de “conhecer” e “nada sério” a instruções explícitas sobre o que esperam, como “seja higiênico”. Muitos perfis não têm descrição ou idade especificada. A utilização de *tags* também serve para descrição, sendo possível observar que as categorias mais procuradas são relacionadas a fetiches como “pê”, “dom”, “bareback” e “trans”, corpos historicamente fetichizados (Campos e Araújo, 2023), mas violentados na sociedade. Por outro lado, as *tags* mais utilizadas, como “discreto”, “bis” e “brotheragem”, ratificam como o segredo sexual rege a performance desses corpos (Grindr, 2024).

Mesmo sendo um lugar-outro, permitindo experiências dissidentes, o sistema de poder hegemônico da sexualidade ainda se manifesta, especialmente na reprodução da masculinidade e negação do afeto. Outro aspecto consiste na criação deste contra espaço distinto destinado às pessoas usuárias que se compreendem numa possibilidade de relação não cisheterossexual. Isso porque “outro” é também a maneira de nomear tais pessoas, distanciadas por meio de um processo de diferenciação (Paranhos e Costa, 2022).

Embora o *Grindr* se apresente como um refúgio para práticas dissidentes da cisnormatividade e da heteronormatividade, visto que é um locus que busca retirar a ideia de perversidade ou inferioridade (Gomes e Menezes, 2024) de práticas homoeróticas, é impreciso classificá-lo como um ambiente puramente seguro. A plataforma é atravessada por vulnerabilidades severas, que vão do estigma social e vazamento de dados até riscos concretos de violência física, chantagens e exposição a preconceitos. Entretanto, é sob essa natureza liminar que o configura como uma heterotopia de desvio. Como evidenciado na Tabela 3, o uso de codinomes e a ausência de rostos não indicam apenas busca por prazer, mas uma tecnologia de proteção contra a hostilidade do “lugar-comum”.

Ao acolher corpos repelidos pela sociedade em razão de seus desejos, demonstrando como o corpo é fruto de uma constante busca por autorregulação (Gomes; Menezes, 2024), o aplicativo funciona como um “contra espaço” foucaultiano que, ao mesmo tempo que oferece acolhimento a condutas desviantes, impõe regras de ingresso e códigos de conduta próprios (como os *emojis* e as *tags*) para mediar a tensão entre a liberdade do desejo e a ameaça constante da violência externa. Em tempos de avanço da pauta antigênero (Barreto e Silva, 2025), levando a leis proibicionistas (Gomes e Menezes, 2024), como resposta à conquista de direitos pela população LGBTQIAPN+, esses locais “outros” servem de resistência para possibilitar o livre exercício de subjetividades que desafiam estruturas hegemônicas.

## Considerações finais

A pesquisa realizada no *Grindr* problematiza as dinâmicas de poder, as práticas de subjetivação e as disputas por reconhecimento e direitos em um espaço social contemporâneo no campo da sexualidade, enquanto dispositivo de poder para controle de corpos. Enquanto as plataformas sociais se tornaram um importante meio de sociabilidade, incluindo para a formação de relações afetivas e sexuais, buscou-se partir da busca por analisar como o aplicativo de relacionamentos *Grindr*, destinado a pessoas LGBTQIAPN+, se enquadra como um espaço heterotópico.

Como suporte teórico, utilizou-se da chave teórica de Foucault (2000; 2013; 2021) de heterotopia, que caracteriza aqueles espaços na sociedade caracterizados por serem *locus* de contestação de hegemonias. Entre os exemplos, destacam-se as heterotopias de comportamento sexual que justamente se contrapõem à sexualidade tratada enquanto “normal”, leia-se a partir da ótica cisheteronormativa. É neste cenário que foi possível identificar o *Grindr* enquanto um espaço

heterotópico, posto que, em seu interior, desenrolam-se relações sociais fundadas em um desejo que desafia as normas hegemônicas. Embora cada interação guarde suas singularidades, as dinâmicas observadas revelam práticas coletivas de resistência e negociação que transformam o aplicativo em um local de interconexão entre sujeitos que, no espaço público comum, estariam fragmentados.

Nesta plataforma, usuários com masculinidades homoeróticas encontram condições de possibilidade para expressar performatividades homoafetivas que, embora mediadas por riscos e vulnerabilidades, buscam se distanciar dos estigmas da cisnormatividade e da heteronormatividade. A reflexão de Miskolci (2017) sobre a epistemologia do segredo sexual permite compreender o *Grindr* não apenas como um espaço originado pela marginalização, mas como fruto de descontinuidades históricas que possibilitaram a ascensão e a democratização do acesso a espaços de sociabilidade por corpos dissidentes.

Contudo, observa-se que, mesmo em um ambiente destinado a essa população, as matrizes normativas impõem a percepção de que o “sigilo” é necessário. Na amostragem analisada nesta pesquisa, notou-se que a maioria dos usuários opta por não utilizar fotos de rosto. Essa prática, situada no recorte espacial e temporal deste estudo, revela que a procura por interações casuais ainda é atravessada por uma moralidade reprodutiva e cishétero que regula o desejo, mesmo dentro de um “contra espaço” heterotópico.

Nota-se que o *Grindr*, enquanto espaço heterotópico, abarca uma multiplicidade de expressões da sexualidade não normativa, funcionando como um *locus* de acolhimento para corpos frequentemente repelidos do espaço público hegemônico em razão de seus desejos. Ao permitir que esses sujeitos negociem suas identidades fora do “lugar-comum”, a plataforma provoca tensionamentos e resistências, ainda que essa acolhida seja atravessada por limites impostos pela própria arquitetura digital e pelas matrizes normativas que persistem no interior do aplicativo.

## Referências

- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Sessões do imaginário – cinema, cibercultura e tecnologias da imagem*. Porto Alegre, v. 13, n. 20, pp. 34-40, 2008.
- BARRETO, Alana Maria Passos; SILVA, Matheus de Souza. O que acontece lá acontece aqui?: paralelos entre Brasil e EUA com o infralegalismo autoritário na pauta antigênero. *Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política*. São Paulo, v. 17, n. 51, 2025, pp. 103-128.

- BELL, David; VALENTINE, Gill. Introduction: Orientations. In: BELL, David; VALENTINE, Gill. (Orgs.). *Mapping Desire*. New York, Routledge, 1995, pp. 1-30.
- BRANCO, Guilherme Castelo. As resistências ao poder em Michel Foucault. *Trans/formação*. Marília, v. 24, 2001, pp. 237-248.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo, n-1 edições, 2019.
- CAMPOS, Clarisse Mack da Silva; DE ARAÚJO, Jailton Macena de. Indignidade e necrotransfobia: a prostituição compulsória de mulheres trans e travestis como degradação do direito fundamental ao trabalho. *(Des)troços: revista de pensamento radical*. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, pp. e48638-e48638, 2023.
- COSTA, Ramon Silva. Entre taps e direitos: proteção de dados pessoais, privacidade e liberdade no aplicativo Grindr. 2020. Dissertação, Mestrado em Direito e Inovação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- . *O corpo utópico: as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- . *Sobre a Sexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021.
- GOMES, Maiko Jhonata de Araújo; MENEZES, Lucas Lira de. RuPaul’s Drag Race como instrumento de globalização queer: O paralelo entre a expansão de franquias ao redor do mundo e as leis antidrag no contexto estadunidense. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 14, 2024.
- GRINDR. *Grindr Unwrapped: 2024*. Disponível em: <https://www.grindr.com/unwrapped>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- GRINDR. *Grindr Unlimited*. Help Center. Disponível em: <https://help.grindr.com/hc/pt/articles/1500008656741-Grindr-Unlimited>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- HINE, Christine. Virtual methods and the sociology of cyber – Social-Scientific Knowledge. In: HINE, Christine (Org.). *Virtual Methods*. Issues in Social Research on the Internet. Oxford, Berg, 2005.
- MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo, n-1 edições, 2021.
- MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais*. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.
- MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Revista Gênero*. Niterói, v. 9, n. 2, pp. 171-190, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rg.v9i2.88>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. São Paulo, n. 91, jan. 2014, pp. 269–295. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452014000100010>. Acesso em: 10 ago. 2025.

- PADILHA, Felipe. Isto não é um manual de instruções: notas sobre a construção e consumo de perfis em três redes geosociais voltadas ao público gay. *Norus*. Florianópolis, v. 3, n. 3, jan.-jun., 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/norus.v3i3.6365>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- PARANHOS, Will; COSTA, Cláudia Maria Inácio. “Curto uma pegação no sigilo”: o Grindr como território de subjetivações dos espaços de desejo. *Periódicus*. Salvador, n. 18, v. 1, 2023, pp. 176-196. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.viii18.49899>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- SARAIVA, Luiz Alex Silva; SANTOS, Leonardo Tadeu dos; PEREIRA, Jefferson Rodrigues. Heteronormatividade, masculinidade e preconceito em aplicativos de celular: o caso do Grindr em uma cidade brasileira. *BBR: Brazilian Business Review*. Vitória, v. 17, pp. 114-131, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2020.17.1.6>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*. São Paulo, v. 16, 1998, pp. 297-325. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/11183/8194>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- SILVA, Matheus de Souza. Reflexões do corpo em Foucault a partir de diálogos com Butler e Agamben. *Cadernos da FUCAMP*. Campinas, v. 38, 2024.

Data de recebimento: 29 de agosto de 2025

Data de aceite: 26 de janeiro de 2026

### **Como citar este artigo:**

- SILVA, Matheus de Souza; BARRETO, Alana Maria Passos. O Grindr como heterotopia: a homosociabilidade no espaço digital. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.16, p. 1-21, e161455, 2026, Doi: <https://doi.org/10.14244/contemp.v16.1455>